TRIVIIS
Anais de **Conferências** e **Mesas** de **Debates** do
Seminário Internacional de Pesquisas
em **Midiatização** e Processos Sociais

Comunicação no antropoceno[1]

Communication in the anthropocene

Luiz Signates [2]

O processo de midiatização é fundamentalmente antropocêntrico. O que estudamos em comunicação é a interação simbólica humana, com ou sem as conexões propiciadas pelas tecnologias.

Entretanto, será Latour quem nos avisará que a relação homem máquina capilarizou-se de tal maneira que já não é mais possível determinar os limites entre um e outra, ou, mais precisamente ainda, não há mais critérios nítidos para distinguir a produção humana e a das máquinas.

A relação homem-máquina ou, trazendo para o nosso campo, homem-mídia é o modo comunicacional de estabelecermos a relação homem-natureza, de que a filosofia tanto tratou, desde que a noção de Criação foi superada pela ciência moderna, separando o homem das coisas naturais e inventando a noção (artificial) de artificialidade.

Carlos Eduardo Aguiar (2022), em interessante artigo publicado na revista Tríade, citou os três imaginários que na contemporaneidade relacionam homem e técnica: o imaginário apocalíptico, o imaginário redentor e o imaginário místico. Para o imaginário apocalíptico, estamos à beira de consequências irreversíveis da ação tecnológica humana sobre o planeta, que inviabilizará a sobrevivência. No sentido inverso desta tecnofobia, há o imaginário redentor da geoengenharia, que mantém o sonho narcísico e prometeico do controle sobre a natureza e percebe a tecnologia como chave para resolver os problemas que a própria tecnologia provocou. E, por fim, há o imaginário místico dos

[1] Conferência apresentada no VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFSM e ECA-USP na "MESA 4 — Antropoceno e comunicação: questionamentos epistemológicos".

[2] Doutor em Ciências da Comunicação (USP). Pós-Doutor em Epistemologia da Comunicação (Unisinos). Professor associado IV da Universidade Federal de Goiás junto ao Mestrado/Doutorado em Comunicação, na linha Mídia e Cidadania e docente efetivo do Mestrado/Doutorado em Ciências da Religião, na linha Cultura e Sistemas Simbólicos, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Leciona também nos Cursos de Jornalismo de ambas as instituições.

movimentos revivalistas, que propõem uma sinergia entre o saber arcaico e o desenvolvimento tecnológico, no qual os saberes dos povos originários seriam vetores de reconexão com a natureza, numa espécie de tecnoxamanismo, um repensar da própria técnica.

Em outras palavras, temos a técnica como um modo do desencantamento weberiano do mundo, instrumento de exclusão do imaginário mítico, e a técnica também como um desencanto do desencanto, para cumprir um papel central no retorno da potência do imaginário. Nesse sentido, o antropoceno é o nome da transformação histórica do ecúmeno em tecnosfera, que provocou o colapso ambiental. O antropoceno é o limite da ambição do homem de romper limites.

O antropoceno é, pois, um conceito dentro de um processo comunicacional que aciona de forma radical a relação entre homens e máquinas.

O problema é que entre homens e máquinas não há comunicação, mas, apenas, acoplamento estrutural, no sentido luhmanniano do termo. São sistemas que não funcionam da mesma forma, não se conectam por processos de identificação simbólica e nem mesmo produzem, na era do chat GPT, textos e imagens de forma semelhante.

Entretanto, não é possível dizer que as máquinas não interfiram na comunicação. Tecnologias midiáticas fazem parte do modo de produção da cultura de forma tão profunda que geram, para muitos teóricos, a aparência de serem a própria cultura humana em sua especificidade contemporânea. Trata-se, neste caso, de uma ilusão, como uma miragem tão aparente que obscurecesse o humano que se encontra por trás dela, operando todas as produções de sentido.

Com efeito, chamar as *machine learning*, com seus algoritmos de alto processamento, de "inteligência artificial" talvez tenha sido a mais bem sucedida operação de marketing da contemporaneidade. Mas, é também a última etapa conhecida do velho procedimento de exclusão do humano dos processos produtivos geradores do capital, e, neste caso, da exclusão por substituição, que é, sem dúvida, a mais cruel das formas de exclusão.

Os processadores de conteúdo constituem um modo de substituição do humano que se realiza no interior dos processos comunicacionais. É de comunicação que se trata,

quando se fala em produzir textos, imagens e postagens que façam sentido nas interações humanas.

A contradição de que tecnologias cuja relação com o humano é de acoplamento estrutural produzam elementos simbólicos complexos, que interferem pesadamente nos processos comunicacionais, constitui uma tensão específica, que é o que parece ser necessário estudar e descrever.

A natureza específica da relação homem-máquina não é de comunicação, havendo, pois, uma singular polaridade de tipo incomunicacional nela. Máquinas permutam informações com outras máquinas, num artifício de copiar, colar e, no caso das processadoras de conteúdos, recompor os ordenamentos informacionais a partir de padrões pré-estabelecidos. O sistema teórico que sustenta tal funcionamento é, ainda e sem dúvida, em estruturas cada vez mais complexas, a teoria matemática da informação. Uma combinação entre os sistemas binários concebidos por Leibnitz, os cálculos de probabilidades desenvolvidos por Pascal e Fermi, a álgebra booleana e os operadores de relé teorizados por Claude Shannon. Tudo isso articulado na máquina originalmente construída por Charles Babbage, mas que teve em Alan Turing sua mais prodigiosa concepção eletrônica, da qual derivaram os aparelhos que hoje todos utilizamos e que chamamos computador.

A comunicação não pode ser reduzida a mero processamento de dados, por mais que essa atividade extrapole a capacidade humana de operá-los. Aliás, essa circunstância de extrapolação é um dos fatores de incomunicabilidade que compõem o circuito de acoplamento estrutural da relação dessas máquinas com seus usuários. Acessamos os produtos e resultados, mas não os processos e fatores intrínsecos que operam tais finalizações produtivas. Aquilo que de fato ocorre não é aparente, encontra-se recoberto pelos softwares de interface. Incomunicabilidade intrínseca que opera na base das comunicabilidades possíveis derivadas da circulação dos produtos simbólicos gerados.

A comunicação permanece humana, anterior e posteriormente ao trabalho das máquinas. Constitui o polo de comunicabilidade – cada vez mais intensa e capilarizada – que faz circular, multiplicar e diferir os sentidos em movimento.

O que nos parece interessante nessa processualidade é o fato de que tanto a incomunicabilidade, quanto a comunicabilidade da relação homem-máquina são

constitutivas do processo estabelecido. Uma não se dá sem a outra. Nem a máquina realiza seus processos incomunicacionais sem a agência humana inserida nos campos de circulação e interpretação, nem os seres humanos operam sua comunicabilidade distinta sem que os sentidos produzidos pelas máquinas participem das elaborações estabelecidas.

Há, pois, que se falar em acoplamento estrutural de elevadas e profundas consequências comunicacionais. Os sistemas humano e tecnológico se interpenetram de forma devastadora, mas sem que suas lógicas internas e de produção de sentido possam ser confundidas entre si. Em termos metateóricos, é de tensão comunicacional que se fala, na medida em que sabemos que a incomunicabilidade derivada da especificidade do acoplamento estrutural passa a fazer parte do processo comunicacional que lhe é subjacente e consequente, repito, sem confundir-se com ele. Se Latour estiver certo, não podemos mais diferir seus produtos, seus resultados, mas ainda se mantêm as diferenças de funcionamento, de seus modos de produção do sentido.

O que o antropoceno tem a ver com isso?

A noção do antropoceno denuncia o desequilíbrio ecológico produzido pela ação humana sobre o planeta, ao situar a era geológica como aquela que se caracteriza pela dominação humana sobre a natureza. A relação do antropoceno com o surgimento da ciência e o desenvolvimento das tecnologias é imediata. Como afirma Bonneil, "o antropoceno proclama a imersão inevitável do destino humano nos grandes ciclos naturais da Terra" (apud BASTO, 2020 p. 7), rompendo com a separação entre as ciências naturais e as ciências sociais, ou, no dizer deste autor, entre as ciências antinaturais e as ciências antissociais. Nesse sentido, propõe-se uma modificação da noção de natureza como recurso, em direção a uma concepção integrada ou holística, na qual somos seres naturais e, portanto, nos comunicaríamos com as entidades da natureza. E, nessa direção, também se propõe a ideia de que não somos exclusivamente humanos, pois somos compostos de espécies companheiras... extingue-se, assim, a diferença entre humanos e não-humanos, numa mística de reintegração na qual o tecnológico cumpre função essencial. A ideia de antropoceno, portanto, não é apenas a de um novo tempo geológico, mas também uma proposição cultural feita para se repensar a própria condição humana.

O que os teóricos nem sempre viram é que, dentro do avanço tecnológico, surpreende-se a midiatização, ou a conversão de praticamente todas as tecnologias à

dinâmica comunicacional das sociedades. Uma máquina de processamento de cálculos, o computador, tanto quanto a instalação de chips em todos os eletrodomésticos, constituem demonstrações tácitas dessa conversão.

A leitura desse fenômeno é que não raro se dá de forma invertida. Não é que as tecnologias invadiram o comunicacional e sim que foram convertidas a ele. São os arranjos comunicacionais humanos que implicaram essas tecnologias, e não o contrário. Transformar eletrodomésticos em dispositivos de comunicação constitui uma modalidade de movimentação antropocêntrica, talvez o seu paroxismo. Nesse sentido também se deve superar uma noção instrumental da comunicação e também das técnicas e tecnologias. Como dizia Heidegger, em seu famoso texto "Sobre a técnica", a essência da técnica não é técnica. A técnica é um modo de desabrigar. Da mesma forma, a essência da comunicação não é tecnológica, no sentido instrumental do termo. Mas, talvez seja possível afirmar que a essência da tecnologia é a comunicação, na medida em que parece haver uma nova tensão de tipo comunicacional na relação entre o homem e as máquinas de comunicar.

Parece não restar dúvidas de que na tensionalidade específica entre comunicabilidade e incomunicabilidade da relação entre o homem e as máquinas de comunicar, vivemos o paroxismo das comunicabilidades. Tudo é para ser dito, e a internet se tornou o repositório gigantesco da história e da cultura humana, mercantilizável em níveis planetários.

Entretanto, a tensão não se extingue, já que ela faz parte do processo comunicacional em sua definição primeira. A hipercomunicação das redes sociais é caracterizada pelo fracasso da dialogicidade, do entendimento ou até da falta dele, da polêmica produtiva. As redes sociais são o lugar da banalidade, da falsificação das imagens, da manipulação estratégica das vontades e das ideias, do texto curto e lacrador, da celebração da irrelevância. No centro mesmo da comunicabilidade exacerbada, a incomunicabilidade ressurge na forma do individualismo e dos vínculos sociais efêmeros e descartáveis.

São, por exemplo, de natureza comunicacional todos os problemas que emergem do desenvolvimento das chamadas inteligências artificiais, nos dias de hoje. Segundo Christoph Wulf (2019), são quatro os problemas a se pensar: a monopolização dos dados,

a manipulação dos indivíduos, o abuso das instituições e a demanda crescente por uma nova ética.

Pois bem, eu avalio que todos esses problemas são de natureza comunicacional. São comunicacionais os usos cada vez mais amplos e profundos dos dados para a produção dos novos objetos simbólicos em circulação, que fundamentam as decisões estratégicas em todos os níveis. São comunicacionais as preocupações com os interesses que movimentam a circulação dos produtos simbólicos que interferem, cada vez mais pesadamente, nas decisões individuais e coletivas. São comunicacionais os riscos de hipervigilância, de ditaduras digitais, de controle social. E é comunicacional o debate sobre quais os critérios éticos poderiam fundamentar novas legislações, capazes de direcionar ou limitar a atuação dessas atividades de amplo espectro, garantindo suas potencialidades e reduzindo seus riscos, a fim de que as desigualdades não se aprofundem e o quadro ecológico não inviabilize a existência.

O antropoceno midiático tensiona-se comunicacionalmente e o desequilíbrio ecológico constitui sua face mais disruptiva, pois coloca em risco a própria sobrevivência humana no planeta. Certamente que não foram as tecnologias de comunicação que promoveram o risco ecológico, mas não há dúvidas de que serão suas potencialidades comunicacionais as que proporcionarão, se isso ocorrer, a saída da sobrevivência, a reversão desse problema. Assim como nas guerras não são as máquinas de comunicação as que matam, mas são os processos comunicacionais aqueles que legitimam, ou evitam, ou extinguem os conflitos armados, na forma da propaganda, do jornalismo de conflitos, da diplomacia e da política.

Problemas comunicacionais se resolvem comunicacionalmente. Evidentemente, não pela eliminação das tensões, mas pela sua transformação produtiva. Pela produção de uma cultura em que as comunicabilidades sejam não violentas e as incomunicabilidades não opressivas. E a invenção dessa nova cultura é o desafio extraordinário que está em causa hoje em dia, na medida em que a violência e a opressão movimentam interesses que estão na base dos projetos hegemônicos fascistas que têm ganhado espaço nos últimos anos no mundo hoje. O extremismo, contudo, é apenas a face radical do processo de exclusão do próprio capitalismo em curso e que, este sim, promove o desequilíbrio ambiental que demarca o antropoceno. Um antropocentrismo que arrisca a sobrevivência

do próprio homem e cuja natureza comunicacional tem sido cada vez mais apropriada pela lógica do capital.

Nesse quadro, a invenção de uma cultura em que as comunicabilidades não sejam violentas e as incomunicabilidades não sejam opressivas constitui um desafio desproporcional, imensurável, mas de cujo enfrentamento não podemos fugir.